



DESCONSTRUÇÃO E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE EM *A MAÇÃ NO ESCURO*, DE CLARICE LISPECTOR

Lilian Cezar de Oliveira (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Evely Vânia Libanori (Orientadora), e-mail: lili.cezoliveira@gmail.com.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas Letras e Artes / Maringá, PR.

Linguística, Letras e Artes
Letras

Palavras-chave: Identidade, Clarice Lispector, rompimento social,

Resumo

O texto a seguir apresenta resultados dos estudos realizados durante o período de iniciação científica. Questões de identidade retratadas no romance *A maçã no escuro*, de Clarice Lispector são o principal foco desse trabalho que tem o objetivo de demonstrar como o personagem Martim desconstrói sua identidade e a reconstrói por meio da relação que ele estabelece com plantas, animais e seres humanos respectivamente. Utilizamos a teoria de Stuart Hall em *Identidade cultural na pós-modernidade* sobre identidade, e também o pensamento filosófico de Martin Heidegger exposto em *Ser e tempo*, que considera que todos somos seres-com-o-outro, constituídos e transformados por meio de nossas relações.

Introdução

Em *A maçã no escuro*, de Clarice Lispector, a personagem principal rompe com a identidade que lhe desagrada para, a partir dos seus próprios termos e decisões, criar outra identidade. Os pensamentos de Martim mostram que ele havia se enquadrado ao pensamento capitalista e se via como mais uma peça da engrenagem social que mói os sonhos autênticos e reduz o indivíduo ao que ele tem. Em *Ser e tempo*, Martin Heidegger expõe a ideia de que o ser humano é ser-com-o-outro. Essa expressão é a tradução da expressão original alemã *mit dasein*. O objetivo desse trabalho, realizado por





meio de pesquisas bibliográficas, é o de mostrar a desconstrução voluntária de uma identidade feita com base materialista, que valoriza o ter, e não o ser, e o processo de construção de uma nova identidade, baseada na singularidade humana. Esse objetivo maior possibilita estudar temas específicos da narrativa de Clarice Lispector, como a consciência da existência, a problematização da linguagem, a inquietação com a morte. O principal suporte teórico é o pensamento filosófico de Martin Heidegger em *Ser e tempo* (2002), e de Stuart Hall em *Identidade cultural na pós-modernidade* (2011). Heidegger porque explica, com o conceito de ser, que é impossível fixar-nos em uma identidade. Hall porque mostra como as mudanças sociais impedem que o ser humano permaneça sempre igual a si mesmo.

Revisão de literatura (Arial 12, Negrito, alinhado à esquerda)

Segundo a filosofia existencialista as pessoas não são ilhas, é nas relações sociais que as pessoas constroem e têm acesso à própria identidade. Em *Ser e tempo*, publicado pela primeira vez em 1921, Martin Heidegger desenvolveu a ideia de que a constituição ontológica do ser humano leva em conta a sua ligação com os outros. A expressão ser-com-o-outro mostra que o outro deve ser tão considerado quanto o eu, pois estamos envolvidos e juntos no processo de existir, e o outro também deve ser importante para mim.

A ideia de que a identidade humana se estabelece em suas relações com o outro é a base de *Identidade cultural na pós modernidade*, de Stuart Hall. Nesse estudo, Hall afirma a existência de um diálogo contínuo entre nós e os outros e que embora tenhamos uma essência somos transformados pelo contato que temos com os “mundos culturais exteriores” (HALL, 2011).

Com base nessas teorias analisamos o romance de Clarice Lispector atentando-nos para a desconstrução da identidade de Martim e a construção de sua nova identidade.

Resultados e Discussão

A maçã no escuro narra a trajetória existencial de Martim, homem de meia idade, contador, classe média, casado. A personagem vive profunda insatisfação com a própria vida e com tudo que o definia. Então, ele tenta assassinar a esposa e foge. Embora a esposa tenha sobrevivido, ele está certo de que ela morreu. Na fuga, Martim anda a esmo e acaba se





empregando na fazenda de duas primas, Ermelinda e Vitória. Na fazenda, ele sente-se livre para criar outra identidade. O assassinato, a fuga, o contato com a fauna e a flora da fazenda mostram a identidade deslocada, a personagem não mais se reconhece, não cabe mais em si. Na verdade, o mundo contemporâneo não permite a cristalização de uma identidade porque tudo muda muito e muda rápido. E o que acontece com Martim é que ele tem a perfeita consciência de que o seu passado não lhe serve mais, porque tudo mudou com o assassinato que acredita ter cometido.

Stuart Hall em *Identidade cultural na pós modernidade* (2011) explica que as estruturas sociais na pós-modernidade não permitem que o ser humano seja sempre a mesma pessoa, com os mesmos gostos, valores, comportamentos. No início do século XX, o filósofo Martin Heidegger explicou que o ser humano nunca é pronto e acabado porque a pessoa é livre para confirmar ou para romper as bases de seu comportamento. E o que Martin faz é romper com tudo que, até então, o definia para pensar a si mesmo a partir do momento que adentrou a fazenda. Martin se sentia refém das estruturas de poder da classe média, onde a pessoa é considerada pelo que tem, e não pelo que é.

Em *Ser e tempo*, Heidegger expõe a ideia de que o ser humano é ser-com-o-outro. Essa expressão é a tradução da expressão original alemã *mit dasein*. A escrita ser-com-o-outro, com hífen ligando as palavras, pretende aproximar, na forma, o conteúdo do pensamento, ou seja, a pessoa não é só. Ela é existencialmente com-o-outro. Portanto, ao adentrar na fazenda e trabalhar com as plantas, Martin absorve a essência delas, apenas sobrevive, sem pensamentos e sentimentos. O mesmo ocorre quando Martin é enviado para cuidar das vacas e, no curral, ele sente a vida instintiva. O personagem se dá conta de seres que vivem o mundo essencial e a quem o tempo não interessa: “o que apenas sabia era uma lei simples. Que não devia brutalizar-lhes o ritmo próprio, e que lhes devia dar tempo, o tempo delas” (LISPECTOR, 1999, p. 97). O olhar de Martin está voltado para o outro em sua singularidade, e ele compreende a natureza das vacas e sua existência em outro tempo diferente do seu.

A relação que ele tem com Ermelinda, uma das primas que vive na fazenda, efetiva a reconstrução de sua identidade, pois ele convive com características humanas diferentes das suas e, conseqüentemente, as adquire. A ideia de ciclo é clara nesse romance, pois a personagem se desconstrói e se constrói segundo seus novos valores. A relação entre Martin/Ermelinda/Vitória mostra a complexidade emocional e psicológica de Martin, antes, escondida pela sua função social de pai, marido, trabalhador.





O contato com o mundo natural também é a entrada em universo novo porque põe a personagem em contato direto com a vida animal das vacas. Com elas, Martim aprende a desenvolver a paciência e a intuição. O personagem minimiza, em si, a humanidade, para se aproximar da animalidade. Martim se desconstrói a partir da tentativa de assassinato da esposa e durante a caminhada para a fazenda. Começa sua reconstrução no espaço das plantas, depois no curral, espaço das vacas, e, enfim, no depósito, espaço humano no qual convive com Ermelinda. Após a reconstrução de sua identidade humana, Martim é reintegrado à sociedade efetivando o ciclo.

Conclusões

A identidade do personagem Martim é desconstruída após a tentativa de assassinar a esposa, porém na fazenda ocorre a reconstrução por meio da relação com o outro de que falam Heidegger e Hall. Esse texto demonstra como isso ocorre.

Agradecimentos

Agradeço à Universidade Estadual de Maringá que fomentou essa pesquisa e à minha orientadora, Dra. Evely Vânia Libanori, que dedicou seu tempo, conhecimento e carinho ao projeto.

Referências

HALL, S. **Identidade cultural na pós modernidade**. Tradução Tomás Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 2002.

LISPECTOR, C. **A maçã no escuro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

